

Um império cai, um soldado retorna

Pedro Sasse

1.

O som da serra contra a madeira toma o ambiente. Noren não percebe a entrada de Miso, botas sujas de lama desenhando o assoalho. Entre ambos, uma névoa fina de serragem. A madeira toma as primeiras curvas do busto imponente que um dia ornará as galerias de algum templo da catedral dos Deuses do Espaço. “O império caiu”. Apenas os olhos de Noren se movem, caçando entre as sombras do talher o dono da voz. Miso já está sentado. Liberta os pés. Deixa passar ar fresco entre as frestas dos dedos. “Lá na capital está tudo um rebuliço. Parece que o governo está tendo dificuldades para lidar com saques, incêndios. Eles ouvem sobre a queda e de súbito esquecem a educação dos pais, a civilidade...”. Noren ouve. Desencaixa as travas da serra e posiciona a peça no baú. Tosse. O catarro que acaba no chão não tarda em mesclar-se com o pó da madeira.

Noren busca – entre tantas peças de madeira e ferramentas no baú – pela garrafa. As canecas penduradas nos ganchos da parede. “E essa confusão toda?”. Mais tosse. “O que fizeram esses de diferença em qualquer lugar? Alguém aqui come melhor porque andam por aí soldados de plástico atirando luz?”. Enquanto fala, Noren gesticula com as mãos trêmulas. Guardava a firmeza do pulso apenas para a madeira. “Duraram menos que meu corpo cansado. Eu já tinha meu caçula quando você veio falar dessa história de império... Foi a mesma bagunça. Eles vieram do espaço para nos salvar, diziam pela rádio. A chegada dos deuses do espaço marca o fim de uma era. Besteira, dizia eu. Lembra?”. Miso bebe. Mente perdida no tempo. A coluna dói da viagem naquela sucata. Sua cabeça, por instinto, talvez, assente. “Eu não digo que não tenham mudado nada. Você mesmo trocou o velho caminhão por essa máquina aí e eu reconheço que não demora tanto pra chegar na capital... Era quanto? Sete dias de chão? Mais? Eu já não lembro bem dessas coisas... Mas lembro que essa moda de império não durou muito. Teve o que? Umas entrevistas, uns pronunciamentos de uma gente de capa... uma gente deformada, colorida. Eu lembro que falavam sobre nossa posição na galáxia. Um monte de planetas, um monte de raças, um monte de línguas... E eu te pergunto, Miso, o que foi que alguém aqui de Dari fez com uma notícia dessa? A gente já se desdobra botando as crianças pra aprender denuwi lá no templo, meu mais novo ficou pendurado lá uns cinco anos até aprender a falar direito. Eu mesmo só sei ‘dinheiro’, ‘comida’ e ‘polícia’. Uma ou outra coisa mais, talvez. Pra que tanta outra língua se ninguém vai aprender, Miso? Depois aquilo de guerra galáctica, aquela coisa de livreco de adolescente. A capital mal consegue resolver problema de saneamento básico, vai lá querer saber de guerra galáctica? De nave espacial? Só se for pra ir embora desse pântano mesmo...”.

Miso serve-se de outra dose. Curta. Acabar a garrafa significa ter que contribuir para a compra da próxima e o dinheiro não anda fácil. Coloca a mão no bolso e checa se as fichas de crédito continuam lá. Um gole e o álcool sacode as ideias, afrouxa a boca. “É que a gente é velho... a gente... a gente vem desse mundo que roda devagar... a primeira vez que eu beijei já tinha pentelho... hoje não... hoje não... essas crianças já estão com a cabeça nas estrelas, camarada”. Enquanto fala, alisa a barba. Sente os fios entre os dedos. Faz pequenos redemoinhos. “É o nosso mundo que é pequeno demais, não é o deles. Esse... esse... esse é o mundo deles, não é mais o nosso. O nosso é Dari. E... olha o que Dari tá virando... um cemitério... um armazém de gente velha... a juventude quer ir lá fora, descobrir o universo...”

Noren, corpo amortecido pela bebida, tem um espasmo súbito, como se sonhasse com uma queda fatal. Os braços são pedaços de madeira debatendo-se sobre a mesa do talher, fazendo vibrar minúsculos retalhos dos deuses, as falhas limadas na perfeição dos ídolos do universo. Miso entretém-se, ainda, com a barba. Tira dela pequenos grãos de areia colecionados nas paradas do caminho. Harama, brilho avermelhado e esplendoroso no céu, colore de melancolia as planícies onde tudo é trigo e milho e silhuetas de montanhas já desistindo de aparecer no horizonte. Miso paga um rapaz do sul para descarregar e recarregar dois núcleos de plasma do corre-vento enquanto acende o cigarro de palha e coleta, em barbas, cabelo e bigode, os grãos perdidos em suas acrobacias quase ensaiadas. “...funciona, merda!”. Um murro na mesa arranca Miso do deserto e o arrasta novamente ao quarto mal iluminado. Noren e um pequeno dispositivo metálico se digladiam em bips e luzes. “Vê se você consegue fazer isso ligar direito...”. Miso assume o trabalho. Em pouco, a tecnologia aponta as dezenas de mensagens não lidas. Sete propagandas de turismo e um aviso do governo passeiam semiopacos pelo talher até que são substituídos pela imponência de um oficial do império. Rosto solene, indicam a dispensa do Agente JT-247966, conhecido anteriormente como Nar Tandor. Em toda sua indiferença perante a queda do império, Noren tardou a perceber o que realmente a notícia que Miso trazia significava. Um império cai, um soldado volta ao lar. Não fossem os anos de destreino, talvez Noren soubesse sorrir. Contenta-se com outro golpe na mesa e mais o resto de seu destilado. Miso, em silêncio cúmplice, entende a situação. No ar, apenas arabescos de poeira iluminados pela penumbra em uma casa qualquer de um pântano qualquer na lua de um gigante gasoso perdido nas bordas de uma galáxia grande demais para aqueles que nela vivem.

2.

“JT-247961, vulgo 61, transmitindo em todas as frequências. Acabou. Repito, acabou. Estamos voltando para casa. Coruscant, Jagga II, Tatooine e qualquer outro pedaço de terra que ouvir nosso recado, estamos a caminho. Preparem bebida, mulheres e toda a carne que conseguirem juntar, por que, amigos, quando 61 chegar em terra firme, ele vai torrar todas as suas reservas de guerra”. A risada aguda retumba pela nave. Apertado, o sexto grupo do batalhão 9, perfura o espaço cruzando milhares de anos luz em segundos. Nar sente o estômago apertar quando vê os pontos brancos no espaço se transformarem em ameaçadoras listras para, depois, darem lugar a uma única e angustiante tela branca. Nunca se acostumou. Sente-se fora da realidade. Não está nem lá nem cá, nem agora, nem depois. Já ouviu relatos de naves que, chocando-se com algo tão pequeno quanto um parafuso desgarrado de algum lixo espacial, foram totalmente destruídas durante a desaceleração. Sempre fecha os olhos esperando tudo acabar. O suor escorre pela nuca, pela testa. Normalmente o capacete branco cobriria todo o processo. Mas com o fim da guerra, o visor não é mais do que o símbolo de um passado que se distancia nos túneis impossíveis do universo. “Que isso, 66? Tá rezando?”. Ele se esforça em manter os olhos abertos. “Nunca vi, Storm com medo de voar, 66, você é fenomenal!”. Nar arremessa uma bateria no peitoral branco do soldado. “Aí, 66, você sabe porque que a gente usa esse peitoral branco escroto como armadura? Vou te contar. Durante uma expedição a Endor, eu conheci um engenheiro do império que me explicou tudo. Sério, sério mesmo. Isso vem lá de trás, na época das Clônicas, ainda. Vocês ainda nem eram nascidos. O exército da Federação tinha robôs maneiríssimos, tipo, sei lá, com umas metralhadoras laser acopladas, pareciam um enxame de metal caindo sobre o inimigo, sacou? Aí, o pessoal que encomendou os clones, pensou bem assim: amigo, eu até entendo que humanos são melhores com estratégia e tal, mas olha pra cara desse desgraçado? Você acha que isso intimida alguém? Ele é feito de carne... C-A-R-N-E. Tirando os kaminoanos que são umas mocinhas e as vacas, quase tudo no universo usa carne de alimento. Isso não intimida ninguém. A galera do lado de lá tem malditos robôs, e a gente tem um exército de pedaços de carne? Aí, se liga nessa, os kaminoanos, que são umas mocinhas, mas são supercrânios, soltaram bem assim: se vocês quiserem a gente pode conseguir umas armaduras iradas pra eles, tipo Bounty Hunter e tal. Aí os jedis acharam maneiríssima a ideia e disseram: bem legal, só que tira esse verde musgo e coloca um branco brilhante pra transmitir pureza. Os kaminoanos tentaram explicar que o verde era por critérios de camuflagem, mas, convenhamos, os jedis não entendem nada de camuflagem, eles usam bastões de luz como armas... Então essa nossa roupinha é tipo uma fantasia pra a gente ficar intimidador tipo os robôs. Já viu isso proteger de alguma coisa? Eu já vi um soldado levar uma pedrada e cair desmaiado de tão vagabunda que é essa roupa”. Nar, sorri e faz um gesto qualquer, sua atenção ainda se prende ao painel da nave. 63 larga um torso de droid e interfere no discurso de seu

companheiro. “Isso é lorota sua que nem a história das twi’lek. Como que os jedi estavam opinando na roupa que a gente usa se eles são nossos inimigos? E a gente tem robôs também... se parar pra pensar, o comandante geral era quase um robô...”. A nave entra em processo de desaleração, Nar aperta o capacete em suas mãos. Olhar para aquele visor lhe dá calma. Sempre que o vestia sentia-se parte de algo maior, de uma força de ordem, uma engrenagem em uma máquina que se articulava por toda a galáxia. Podiam falar o que quisessem da roupa, ela sempre impôs unidade. Respeito. “Acho que em algum momento os jedi trabalharam com a gente, é por isso... Se você parar pra pensar, o comandante geral nunca me pareceu muito diferente deles... Mesma religião, mesmo bastão colorido...”.

“Já entramos no teu sistema, 66, reconhece essa bola avermelhada ali?”. A íris negra de Nar reflete todo o esplendor fulminante de Harama. Ainda um ponto vagueando no gigante gasoso, seu planeta já inspirava uma sensação que nem mesmo as trincheiras de Hoth poderiam causar. Recaía esmagadoramente sobre seu peito o peso de todas as decisões que deixou de tomar ao tornar-se um número, sem rosto, sem vontade, uma força da ordem completamente entregue a vontade das consciências superiores do universo. Era, pensava, talvez o último, o único verdadeiro seguidor dos deuses do universo, que há milhares de anos são adorados em sua terra natal. A maioria dos que se consideravam crentes, e isso incluía, sem dúvida, seu pai, olhava para as crenças do passado como uma vergonhosa ingenuidade. “66, tem certeza que quer ficar aí mesmo? Quer dizer, olha bem pra vizinhança? Não há um planeta vivo em milhares de anos luz... Você está na periferia da periferia de qualquer agitação. Vai plantar batatas pra viver?”. A pergunta de seu companheiro não era mais que a materialização de algo que ele mesmo pensava desde a derrota em Jakku. O alívio do fim foi tão etéreo que mal se lembra de haver suspirado, sentido o cheiro do vento, dado uma risada. Do grupo, três optaram por detonação de Termal no ato da rendição. Vida longa ao império, gritavam para um império que já não mais existia. Antes mesmo de sentir a desorientação e a dor da onda expansiva, Nar já compreendia a contradição do ato: não o faziam pelo império, como clamavam, mas por um senso simples de objetivo de vida. Recrutados ainda crianças, cresceram todos como um único soldado dividido em milhões de células independentes. O fim daquele corpo era o fim da vida como sempre haviam conhecido. Era envelhecer numa sala de espera com a certeza que os verdadeiros deuses do universo estavam mortos e que, após a morte, apenas haveria a escuridão. Em outros agrupamentos, 61 dizia, centenas de Storms caíram de joelho diante da palavra do novo Jedi, que oferecia na ilusão holística da Força, um novo deus para ser adorado. Outros, como 63, encontraram sua divindade no corpo morto da antiga entidade. “63, você pretende mesmo se juntar a essa Primeira Ordem?”. O engenheiro ainda passa um tempo em silêncio, mãos no interior de um robô inerte, seriedade de um general. “Sei lá, cara. É o que eu sei fazer. Eu... você tem pai e mãe e tal, vem de planetinha isolado, uma série de valores de união... O 61 tem essa vida

cosmopolita de Coruscant, amigos na galáxia inteira pra visitar. Eu, cara, eu cresci numa estação espacial... meus colegas antes da instrução eram dois droids de protocolo... acho que enquanto eu estiver trabalhando eu consigo fingir que está tudo ok...". A luz nos olhos do droid se acendem. 66 e os globos de luz se entreolham, ambos igualmente desnorteados. "Eu voltaria pra a ativa sabe, mas a Primeira Ordem me parece, não sei, triste. Lembra, ainda em Hoth, quando o chefe do grupamento foi atingido por uma X-wing? Lembra do resultado quando os droids médicos... consertaram ele? Lembra do que ele pediu pro 61 apontando pro E-11 em cima da mesa? Algumas coisas caem para não levantar mais, eu acho". A lua crescia na tela da espaçonave conforme crescia a angústia em Nar. Por costume, ergue o capacete e quase coloca-o. Fica olhando para a escuridão confortável de seu interior. Depois olha para o brilho de Harama. "Fora que, eu me sinto, não sei, eu me sinto... velho".

3.

Miso espreme-se entre a miríade de cabeças e braços no saguão interplanetário. Obra magnífica ainda na época da chegada dos estrangeiros. O presidente em suas túnicas oficiais passando a tintura púrpura no umbral da porta. As grandes estátuas dos deuses do universo erguendo os braços para o alto, como se, agora, eles reverenciassem divindades ainda maiores. Tudo permanece. Menos o brilho. A poeira do deserto tudo cobre com sua fina camada de decadência. Alaranja as frestas, dissolve o silêncio do santuário aos viajantes das galáxias. Próximo a si, Miso nota uma senhora. Pano no ombro, tecido puído. Chora suas próprias pálpebras de tão velha, mãos miúdas acenando para quem não a vê. A seu lado, muitas outras menos ou mais cansadas, mais ou menos perdidas, buscam entre corpos anônimos um filho que há muito deixou o lar em busca dos distantes pontos brilhantes perdidos da abóbada celeste. Não muito longe, uma explosão. Grupos de fundamentalistas clamam que o fim do império significa o começo do fim da própria galáxia. Caminham seminus, corpos pintados do mesmo púrpura que outrora saudou os viajantes de fora, vociferando imprecações, gritos de misericórdia. No trajeto até o local, Miso viu, pichado nas vidraças de uma torre de administração imperial, os dizeres “Contra a Força não há resistência”. Miso pensa na Força. Ouviu falar muito da filosofia da velha república nos últimos dias. Fecha seus olhos por, talvez, menos de um segundo em busca de uma sensação de completude, de verdade. Mas só pode ouvir as sirenes Tateando o ar em busca de outra vítima do caos urbano.

“Eh... Mis... Miso, certo?”. Ali estava o primogênito dos Tandor, o herdeiro perdido na imensidão. A voz é vento entre as rochas. Passa, ainda com o peitoral branco, a marca do império semiapagada no ombro direito. Na mão, uma bolsa simples indica uma vida de pouco passado. “Nunca esperei ver o moleque Nar, que roubava ovo no terreno da velha Yava, voltando do espaço sideral... devo bater continência, capitão?”. O sorriso é uma pequena janela que permite um vislumbre de tempos idos. Dura pouco, pressionada pelos músculos afeitos à tensão do front. “A burocracia das altas patentes nunca me seduziu... e, bom, acho que agora ser capitão ou general não significa mais do que ser... carpinteiro”. Miso percorre o caminho até sua nave com cautela, percebendo como Nar não parecia sequer notar os tumultos na rua. O único momento que o sobressalta é a visão de uma pequena divisão de soldados imperiais com símbolos de gangue marcados no peitoral. “Não são seus amigos... Eu sei, a roupa. Acho que menos de um ano depois do primeiro contato elas já eram produzidas e comercializadas em lojas de fantasia. Os jovens que não tiveram a coragem - ou loucura - que você teve gostam de usar, fingir que podem navegar pelo espaço combatendo o mal. Muitos cresceram com essa ideia na cabeça, e na ausência de um mal maior, combatem o sistema opressor, o consumismo, ou algo assim. Com a queda, bom, eu não duvidaria que essa gente lunática tentasse tomar as ruas... Uma boa parte da segurança da capital era feita pelos branquinh... desculpe, pelos stormtroopers. Quando foi

confirmada a dissolução do império a maior parte vendeu o que podia no mercado negro e foi embora levando os cruzadores brilhantes. Alguns outros estouraram a cabeça ou se jogaram dos prédios. Acho que você é o último a carregar essa armadura...”. Nar assente. Passa o dedo no emblema do império. “Tudo parece tão mudado aqui... A capital não está muito diferente de um desses portos intergalácticos... os prédios, as pichações... eu não... eu não sei exatamente o quanto do que eu lembro é verdade, o quanto é fantasia que o tempo ajudou a consolidar, mas eu... eu lembro de vir aqui com você, quando era novo, não tinha uma praça aqui? Óbvio que a capital já era uma grande cidade, mas, não sei, tinha mais... cor, vida? Parece que tudo foi tomado por arranha-céus e aqui embaixo todos vivem nas sombras desse futuro...”. Alguns policiais passam. Encaram Nar, que devolve, em seu olhar, a certeza de um homem que viu a morte de perto. Continuam seu caminho. Sem perceber, seus dedos haviam escorregado para dentro da bolsa. Sentia o frio metálico do blaster, a respiração acelerada. “Bom, se é passado que você está buscando, tem de sobra em Dari. Aquele lugar não muda, camarada. Pra você ter uma ideia, a barraca da Yolan ainda continua no exato mesmo ponto desde sua saída. Sequer dá pra perceber que ela envelheceu, é incrível. Os jovens partiram, claro, foram buscar as maravilhas do espaço na capital, alguns experimentaram os programas de intercâmbio, outros as colônias de mineração do império. Tivemos mais levas de meninos buscando a vida de recruta também, muitos inclusive inspirados por você”. Uma pontada cruza o peito de Nar. “Mas nós, os velhos, continuamos no mesmo lugar. Seu pai com a madeira dele. O povo da feira. O velho capelão. Não... esse morreu. Mandaram um rapaz novo do seminário. Mas o resto é aquela gente empoeirada de sempre mesmo. Tenho certeza que você vai se acostumar... pelo menos o tempo que for ficar lá. Tenho certeza de que você não vai querer ficar muito tempo, né? Deve estar cheio das namoradas pelas luas desses mundões a fora...”. A névoa da incerteza volta a ofuscar a visão de Nar. Quanto mais tentava olhar o futuro, mais seu rosto se transmutava em Noren, os olhos tristes e os dedos ágeis arrancando os deuses do tronco seco e duro dos Teorá. Para um segundo, percebe que já alcançavam as franjas da metrópole. Diante de si, o deserto avermelhado pelos raios de Harama é, de súbito, tranquilizador. Embala-se pela solidão árida. Miso oferece um pouco da velha bebida de Dari. Não tinha idade para prová-la quando saiu. O gosto penetra seu corpo como uma inundação de sensações do passado. Em breve estaria em casa, repetia a si mesmo, em breve estaria em casa.

4.

Pero navega entre lembranças. Como era mesmo seu rosto? Lembrava de um dia. Chovia gotas ralas na plantação. Havia, talvez, um espantalho. Cabeça de crocodilo, olhos de latão bebendo o céu escarlate. A voz parecia dele. Era? Uma voz mais velha, incentivando algo. Um mergulho no lago talvez. Ele soava tão corajoso. Por que não conseguia lembrar dele? Pero checa a porta pela décima sétima vez. Cumprimenta Bala e seu marido, cumprimenta os meninos Gahal e o velho vendedor de leite cujo nome nunca se lembrava porque era algo do Sul, rimava com o nome de um pássaro. Ou era fruta? Pero queria um rosto. Menos surpresa quando chegasse, armadura de desbravador galáctico, barba triunfante de herói. Toda a vila pararia. E quando Raana, Ala, Medevin, Xev'ra e Denisa não pudessem conter a paixão pelo militar intergaláctico, Pero não seria mais que uma pálida sombra de seu pai. Todos, inclusive o pai e, mesmo Miso, que lhe presenteou ainda no começo da adolescência com o exemplar de *A dialética das estrelas de ferro*, ignorariam que ele era, em última instância, um assassino. Que a luz vermelha que aquecia o tubo de seu blaster era responsável pelo choro e luto de mães e pais e filhos e irmãs. Como era o rosto? Vinha-lhe à mente apenas o capacete branco. Mesmo quando criança. Durante as festas do outono, podia rememorar a mãe, o velho Noren erguendo a nova estátua do templo enquanto a velha era queimada, mas Nar era só um pequeno soldado do império. A porta bate. Pero vira. Lá estava o rosto. Um desconhecido terrivelmente semelhante. Um espelho embaçado de sangue. "Pensei que eu seria filho único pra sempre". Pero sorri e sente um abraço errado, como se braços, pernas, cabeças, tudo pesasse demais.

"Barba. Meu irmão caçula tem barba agora... E esses braços? Nem na academia dá pra pegar uns braços desses, vou te dizer. Você não deve se lembrar, porque você ainda era moleque, mas eu lembro que, no dia que eu parti naquele velho caminhão do Miso pra me alistar lá na capital, eu lembro que você disse...". Enfim o rosto surge. Era uma face neutra. Nula. Lembrava daquele dia. Ouviam toda noite os velhos falando sobre os deuses do espaço, sobre os planetas-paraíso, sobre nebulosas tão sublimes que a alma humana se desfaria em pedaços apenas por encará-las. E, de súbito, seu irmão, o longo e inepto Nar, braços magros, olho de peixe, ele foi convidado para ir às estrelas. Não como a mãe, que partiu apenas em alma para à imensidão negra, após dias de sofrimento causado por picada de aranha. Não, ele iria na carruagem de prata, vestiria uma couraça tão clara quanto a manhã de primavera e poderia cruzar galáxias vendo os milagres do mundo enquanto Pero criava musgo cortando madeiras no pântano. "eu disse pra você trazer uma estrela pra mim. Eu lembro, eu lembro bem...". O soldado diante de si vasculhava a bolsa em busca de alguma mesquinharia, sorriso fraco, palavras salpicadas. "Vou te dizer que eu achei aquilo bonito, sabe, eu sempre contava pros recrutas a história do meu irmãozinho que queria uma estrela, meu irmãozinho esperando eu voltar em seu pequeno pântano, esperando sua estrela...". Pero termina de amarrar as botas e se dirige à porta. Nar, sem jeito, deixa um pequeno planetário

holográfico rodando sobre a mesa. “Era uma piada... Eu... era uma piada. Eu sabia que você não tinha a menor ideia de como tudo funcionava lá em cima. Naquela época eu já sabia bem a magnitude de uma estrela. Mas eu sabia que você era bronco que nem o pai. Achava que as estrelas cabiam na palma da mão. Era só uma piada...”.

Caminham juntos. Passos firmes enrijecidos por cimentos demasiado distintos, iguais apenas nas marcas profundas deixadas no chão. “Ala ainda mora naqueles prédios? Nossa, como eu me lembro de me juntar com os outros meninos daqui pra paquerar a menina no muro... A gente ficava bem ali, ó, naquele pedaço alto. Tinha uma estátua de bode ali perto, acho que não tem mais... e ali quem morava era o... o... como era mesmo? Aquele da flauta... isso, Zizen Melachodrio, melhor tocador de flauta de toda Dari, prodígio dos bailes do templo. Quem é aquele que está acenando pra mim?”. Pero é transparentado. Olhares antes familiares apenas o atravessam, saudando o glorioso guerreiro que volta de sua jornada espacial. Sorrisos e acenos. Meninas e idosos. Venham todos! Aqui está a atração de Dari. Pero, contudo, sorri. Confia na natureza do povo de Dari. Sobreviveram à onda da modernidade com apenas um dom: o rápido retorno à rotina. Nada deixa um darin mais feliz que ir dormir e acordar no dia seguinte sabendo que nada mudou. O tempo passaria e Nar seria apenas pernas longas vagando sem achar seu espaço. Poderia até casar, levar uma, duas, todas as meninas consigo. Não era mais um deles. Conhecia o mundo bem demais para isso. “Já sabe o que vai fazer com esse dinheirão todo? Eu li que a poupança dos soldados dá pra uma vida e meia e luxúria nos círculos exteriores... vai pra algum lugar ou vai querer sossegar por aqui mesmo, comprar umas terras talvez?”. Atravessam a ponte à caminho da floresta. As casas vão apequenando no horizonte e a mata adensa. O avermelhado abraça o verde das folhas, o vento chacoalha as copas sem pressa. “A verdade é que eu... eu ainda não sei exatamente o que fazer, eu, não sei, eu preciso pensar um pouco, uns dias revendo os amigos talvez, vendo como anda a velha turma...”. Pero aperta o passo. Testa o fôlego do irmão em terra firme. “Todos partiram. Você não foi o único a desistir do pântano, Nar. Pouco a pouco a maioria foi embora. Virar garçom na capital, descarregar naves no porto, voar por aí. Dari foi minguando. Ficaram as moças para cuidar dos velhos... a Nira foi esperta, depois que a mãe morreu me deixou com o pai e foi embora também... ficamos uns poucos aqui... ninguém da sua idade, sem dúvida...”. Nar olha pra trás, como se buscasse encontrar a trilha que deixou de percorrer há vinte anos. “Eu imagino, Pero, eu imagino. Eu mesmo não sei se vou ficar... mas acho que cansei das capitais. De nunca ver um rosto conhecido, a correria, o... o barulho e todas essas coisas, carros, naves, luzes. Aqui tem paz, dá pra pensar. Acho que eu preciso pensar por um tempo...”. “Vai ser difícil reaprender depois de duas décadas de capacete...”. Nar demora a entender a maldade nas palavras. O rosto é o de um cão que apanha sem entender o motivo. “É uma ideia errada essa, sabe, Pero. Não é assim. É que vocês daqui só veem as fileiras passando, de visor. Mas tem toda uma inteligência por trás. A

disciplina também é uma forma de inteligência. Não é fácil proteger uma galáxia inteira...”. O canto de uma cigarra corta a conversa e ressoa solitário pelo silêncio. Em alguns momentos Nar tenta recuperar a fala, mas é Pero que acaba engatando o discurso após o silêncio do animal. “Inteligência mecânica não é inteligência num mundo onde as máquinas são capazes de pilotar naves e fazer partos, Nar. É isso que vocês parecem não entender... há uma terrível ironia em toda essa história de império e vocês ficam com a cabeça enfiada no capacete e nunca percebem. O trabalho de vocês era feito por máquinas, depois por clones... não é um trabalho importante. Sabe por que eles desativaram esse programa? Imagino que não, História não é uma das matérias passadas aos recrutas, é? Pois bem, aqui no lamaçal em que seu irmãozinho ficou esperando para receber uma estrelinha do céu, se estuda. Nas melhores fábricas, uma máquina versátil de combate, capaz de corrigir pequenas falhas mecânicas, improvisar e atravessar diversos terrenos, não custa menos que um carro. Cultivar e criar clones, talvez o valor de uma casa. Mas qual o preço de ludibriar as criancinhas na franja do espaço, mostrando os sonhos de som e luz. Fileiras e fileiras preenchidas por iludidos. Iludidos que crescem e aprendem a apertar o gatilho e fazem o trabalho que antes as máquinas faziam... elas... elas e os clones tinham uma desculpa pelo menos, eram programados para aquilo... qual a sua desculpa pra puxar o gatilho, Nar? Que história bonita você conta pra si mesmo antes de dormir pra justificar a explosão de um planeta?”. Só resta o silêncio no bosque.

5.

Lâmina e madeira se chocam no fundo do bosque. Metrônomo, Noren dita o ritmo daquele fim de tarde. Dali é possível ver a marca matrimonial entalhada na árvore ancestral trinta anos antes. Ela, vívida como o coração de um tronco, os demais madeireiros tocando música, dois barris de aguardente. Naquele tempo as árvores seguravam os limites do mundo. Depois delas, alguns dias de chão verde e um deserto inabitável marcavam o fim do caminho. Só Miso e seu caminhão, cuspidando fumaça e gotejando óleo, ousavam cruzar aquela areia infundável para todos os lados. Para Noren e para todos os demais, a última árvore de Dari era o último ponto importante daquela terra. Tempos em que o bosque reverberava em batidas da madeira, como se a própria natureza batesse palmas para acompanhar as canções dos trabalhadores. Começava-se cortando ao sul e, ao longo dos anos, rodeavam os bosques da vila até voltar ao mesmo ponto, com novas árvores esperando o golpe do ferro forte. Qualquer madeireiro que se prezasse sabia de cor aquele relógio natural. No ritmo de agora, Noren poderia morrer antes de fechar um ciclo de corte. Ele e o filho eram os últimos a cortar um material que há muito vinha cedendo espaço aos polímeros brilhantes. Garrafa, nave, embalagem de comida, calçado, tudo era plástico, cheio de suas cores berrantes, seu cheiro asséptico de ciência. Só o rosto dos deuses do espaço eram, ainda, cortados em madeira, seguindo a velha tradição, bem anterior à chegada dos que se clamavam senhores das galáxias. Era pequeno quando o pai lhe levou à primeira cerimônia. O fogo alçava as fagulhas de luz até o infinito, oferenda à abóbada celeste. No meio, o corpo esculpido na madeira escura, cabeça longa olhando para os céus, rosto sem expressão, puro enigma do universo. Eram os criadores de tudo. Vinham de outro universo no qual aprenderam todos os segredos da realidade e agora, tal qual o homem que lança a semente ao solo, eles semeavam homens, regavam-lhes com conhecimento e esperavam que crescessem fortes, sábios e justos. Eram drasticamente diferentes daqueles que haviam chegado há vinte anos, Noren sempre notou. Em suas naves de luz, nada conheciam que não fosse a guerra. Atrás das roupas reluzentes eram homens inseguros, esperneando dentro do próprio peito contra a inevitabilidade do fim. Não importa quantas galáxias você conquista, dizia Noren às cadeiras vazias da cozinha, um dia a morte chega para todos nós.

“Pai?”. Noren levanta o rosto pendido pelo cansaço. Por um momento – talvez fruto da velhice cada dia mais presente – acreditou-se diante de um impossível espelho. Era um Noren novo, vigoroso que havia diante de si. Mesma postura firme, voz solene, de quem não é afeito a prosa. Em tudo diferente do outro, que era todo a mãe, com sua voz esganiçada incansável, agitando palavras contra os ouvidos alheios. De súbito, tocou-lhe um enorme conforto, como se deitasse na comodidade do próprio caixão. O filho perdido voltava ao lar. Voltaria a mulher também algum dia? “Pega aquele tronco ali e já vai arrastando que é menos viagem pra fazer”. Nar desarma o abraço, ainda desconcertado pela objetividade esmagadora do pai. Pero fica pra trás,

terminando a labuta do pai enquanto os dois compartilham o silêncio transmitido pelos genes. Os restos de Harama já deixavam de aquecer o mundo quando ouve-se Nar ensaiar uma pergunta. “Isso...”. É preciso mais alguns segundos até uma sentença completa ser ouvida. “Isso ainda faz sentido aqui? Depois de tudo... Os deuses... ainda se queimam eles?”. Noren tampouco pareceu ter pressa na resposta. Rumina as palavras enquanto só a madeira no chão parece importar-se em falar. “As coisas vão perdendo o sentido... é assim mesmo. Mas nem tudo precisa ter sentido, não. As vezes a gente faz as coisas pra sentir que o mundo ainda está no lugar que a gente deixou ele... minha vó fazia o almoço do meu vô todo dia no finalzinho da manhã. O velho entrava na cozinha com o chapéu na mão, ombros cheios de reverência, pedia licença pra ela e sentava na mesinha. Erguia o prato pro alto em agradecimento, depois comia tudo até deixar só a madeira seca da tigela. Ele dava um beijo no rosto dela e falava umas coisas no ouvido que nunca ninguém conseguiu saber o que era. Depois partia pro mato e só voltava depois da hora de criança ir pra cama. Um dia ele morreu. Sem doença, sem acidente, sem aviso. Caiu sem vida na entrada da vila. Minha vó passou seu luto. Queimou o homem ao lado dos deuses pro espírito ir pro universo, fez as cerimônias e seguiu a vida. Quem olhasse nunca diria que a senhorinha era viúva. Mas todo dia, no final da manhã, se a gente passasse pela cozinha, podia ver a tigela cheia de comida na mesa e ela permitindo-se uma lágrima digna entre as louças do café”. Ao longe se ouve cantos e gritos. Há uma fogueira, aguardente e cantoria. Velhos caçadores revivendo dias de glória entre as sombras. Dança macabra de corpos nas pontas da existência. “Eu lembrei de você um tempo atrás... você ainda estava lá pelas estrelas... não faz muito tempo. Um peregrino se instalou na casa da família Vhriza depois que o último membro partiu e vendeu o lote. Gente de fora, roupão largo, barba. Acho que foi o primeiro e único imigrante de Dari em muito, muito tempo. O povo todo passava perto da porta, tentava espiar dentro dos muros. Homem daquela idade, sozinho, sem filhos. Pensaram que era criminoso procurado. De certa forma estavam certos... depois de uns dias recebeu um lote de pedra da capital, passou lá em casa encomendou dez dias de madeira. Eu perguntei, pra que que é tanta madeira? Vai fazer um castelo, é? Ele riu e seguindo carregando as pedras dele e eu cortei e dei os troncos, pagou direito. As crianças, depois os adultos, todo mundo acabou seguindo ele algum dia pra dentro do mato pra saber pra que era tanta pedra e madeira. Era um templo. Doido de pedra. Está até hoje construído o lugar, cheio de estátua de campo, de plantação. E ele sozinho... Lembrei logo de você, será que ele vê essa gente doida por aí ou lá fora as pessoas se comportam?”. Nar dá uma risada mais alta do que esperava. Seu próprio corpo reage com certa apreensão. A cantoria já se desfaz dando lugar aos brilhos tímidos das lâmpadas elétricas nos troncos de madeira, curiosa união que tão bem representa Dari. “O que você veio fazer nesse lugar, menino?”.

6.

O silêncio absoluto do espaço. As linhas da velocidade de dobra vão tingindo a escuridão de um branco aterrador. No ápice do movimento, o universo é uma folha em branco, não há dimensões, não há tempo, não há gravidade, apenas um vácuo brilhante e gélido. Nar não consegue respirar. Busca o ar, busca o chão, busca seu próprio corpo, mas tudo é luz e angústia. Seria assim o paraíso? Um grito rouco ecoa no princípio da manhã e só os corvos parecem se importar. Contestam um grunhido grotesco de dúvida enquanto Nar emerge de seu pesadelo. O planetário brilha num canto da mesa, rodando e rodando o universo e fazendo as estrelas saltitarem pelas paredes do quarto.

Chá. Um pouco de cereal. Um pouco de aguardente. Nar se assusta com o próprio tamanho da barba, como se um homem estranho pouco a pouco tomasse seu lugar, invadisse seu próprio corpo. Coloca algumas frutas na bolsa, um pano para as tempestades de areia que as vezes chegam em Dari. Nota o brilho plástico do blaster no fundo da mochila, segura-o com firmeza ouvindo ainda em sua mente o motor das naves rebeldes em seu encalço. Queria atirar, nem que fosse num animal de pasto. Sentir o poder do feixe de luz aniquilando o inimigo, sentir medo. A vila era um útero materno, quente e cômodo, afrouxando as fibras dos músculos, transformando o tempo em uma geleia grossa e demasiado doce.

O que fazer? O que fazer? O que fazer? O que fazer? A pergunta nunca havia deixado de reverberar pelos nervos. Seis meses ali, como gado, comendo e pastando e comendo e pastando e cagando. Achou que uma mulher pudesse fazer a diferença, mas a verdade é que mal sabia o que fazer com uma. Deitado na cama, encolhido em um canto ao lado de uma estranha. Sentia-se murcho. Mais frágil e solitário que nunca. Passou a apenas andar. Sai pela manhã, olhando tudo como se fosse um holograma artístico. Não interage senão para cumprimentar um ou outro na rua. Dari segue seu tempo sem tempo e Nar apenas deixa-se a deriva. No começo o pai se preocupava. Oferecia empregos. Convidava velhos conhecidos da capital. Nar acabou por oferecer-lhe a senha e o cartão de suas economias. Vai, aceita, eu não quero ser um fardo, isso deve pagar pela minha comida enquanto eu estiver aqui pelo menos, se eu continuar com esse peso de vocês em cima de mim acho que vou estourar minha cabeça. Estourar a cabeça era um pensamento cada vez mais sedutor. Deveria ter se explodido no final da guerra. Hoje o pai teria um emblema de herói na parede, não um fantasma se arrastando pelos corredores. “Ei, com licença, amigão, pode me ajudar com essas madeiras? O Pero não está em casa e eu preciso botar isso no carro de mão...”.

Nar ajuda o rapaz, igualmente barbudo, igualmente solitário. Entre os dois, contudo, atitudes drasticamente diferentes. Havia algo no semblante daquele homem que transmitia serenidade, ou estupidez, ou ambas. Mas era um sorriso descarregado demais até para um darin. “Você é de fora, né? É o

cara que está fazendo um templo no bosque?”. Por um momento, algo quase imperceptível passa pelos olhos do homem. “Nascido em Naboo, criado em Coruscant. O que denunciou? O sotaque misturado ou a roupa exótica?”. Nar ri e lhe oferece uma fruta. “Sei lá... é alguma... coisa que tem na gente de fora... ou na gente de aqui... acho que dá pra perceber. Quando a gente fica lá fora muito tempo alguma coisa cresce na gente, dá pra perceber...”. “Dá mesmo. Quando você olha nos olhos da gente aqui de Dari, você vê que eles estão acostumados a olhar esse pouco de terra, umas dúzias de pessoas, não mais. Tem um ditado que diz que o olho de um homem viajado guarda em si o brilho de todas as estrelas que ele viu de perto... o seu brilha bastante... piloto comercial?”. É a conversa mais longa que consegue manter nas últimas semanas. Arrepende-se de não haver pensado antes em visitar o estrangeiro. Só uma pessoa de fora poderia compartilhar o peso de seu confinamento. “Quem me dera! Mas conheci muita coisa lá fora mesmo... Ainda fico com a sensação que tem muito mais pra conhecer... não sei... é contraditório. Eu acho isso tudo pequeno demais, mas ao mesmo tempo eu estou tão cansado de bater perna por aí... fico vendo essas pessoas criando raiz, também quero ter isso, ter vontade disso...”. Era impressionante como se abria com facilidade com o estrangeiro. Ele se limitava a ouvir, fazendo eventual contato visual. Não tardou para que tudo fosse posto na carroça de madeira. “Você vai voltar pro templo agora né? É... você, não sei... se importa se eu te acompanhar até lá? Preciso dar uma volta... esticar a perna...”. O homem assente. Ambos sobem e descem as ruas onduladas de Dari. Para olhos distantes, são dois amigos de longa data em efusiva conversa. Encontram Pero no caminho. Ri como se visse uma cena pitoresca diante de si. Avisa que o almoço não tardaria muito.

“Talvez eu devesse começar voltando a trabalhar em algo, sabe. Esse tempo todo encostado em casa não está me fazendo bem... Mas isso também não é fácil... Vou fazer o que? Caçar? Não entendo nada de animal, não tenho braço pra madeira, não tenho idade pra escola...”. Ambos se aproximam da saída da vila. “Talvez você pudesse trabalhar comigo no templo... a verdade é que vem sendo bem trabalhoso erguer aquilo sozinho...”. Nar se imagina pregando tábuas no silêncio do bosque, construindo algo bonito, depois convidando seu pai para ver. Não é uma ideia ruim. “Eu... sei lá... eu não sei muito de construção e eu não quero te...”. O homem, passos adiante, não lhe dá ouvidos. “A única ferramenta que você vai precisar é a vontade, o resto a gente arranja. A Força a todos apoia e a todos nos une, amigão”. Como uma torrente de água gélida, a consciência súbita arrepiava cada ponto do corpo de Nar. As roupas, a barba, o templo, a serenidade. Seis meses foram suficientes para arrancar dele a aguçada percepção da guerra. Estava mole. O que tem diante de si é um jedi. Vivendo num buraco como um inseto. Com a morte do predador, começa a colocar suas patas para fora. Nar avança alguns passos. Põe-se exatamente atrás do inimigo. Poderia, sem dificuldade, quebrar seu pescoço. Sufocá-lo. O ideal contudo seria utilizar as vigas para rachar sua cabeça antes que se desse conta. Teria que rezar para que ele houvesse sido amolecido por

Dari também. Lembra-se da arma na bolsa. Lentamente empunha-a. Um pássaro negro cruza o céu, como se antevisse a situação. Nar pensa no templo e no chá. Pensa no que teria sido de sua vida se tivesse ficado ali. A guerra acabou. Por que, então, suas mãos estavam tão sedentas pelo gatilho? Ambos prosseguem pela estreita trilha da mata. Apenas a natureza é testemunha de suas vidas.